

**Transinsularidade perante a natureza.
Educação ambiental através da banda desenhada
*Aguinha!! De Cabo Verde às Canárias... e vice-versa***

Transinsularity towards nature.
Environmental education through the comic book
Aguinha!! De Cabo Verde às Canárias... e vice-versa

Jakub Jankowski

University of Warsaw

jakub.s.jankowski@uw.edu.pl

<https://orcid.org/0000-0001-8805-9282>

Abstract

This paper proposes a contextualization of the didactic comic book *Aguinha!! De Cabo Verde às Canárias... e vice-versa*. The comic book in question emerged as part of the institutional project financed by European funds, but at the plot level it hides any explicit affinities with Europe. For this reason, we chose to analyze the contents of the book in the transinsular order and to draw both on the concept of environmental education and on border thinking. It is also proposed to frame this comic book as a complementary, non-autonomous didactic material.

Keywords: environmental education, transinsularity, Macaronesia, comic books

*Border thinking is the epistemology of the future,
without which another world will be impossible*

(Walter D. Mignolo)

A banda desenhada *Aguinha!! De Cabo Verde às Canárias... e vice-versa* por
Bruno Lanzarote Pérez (guião, ilustração e cor)

faz parte de uma campanha de sensibilização com os objectivos específicos de divulgar o conhecimento da realidade dos recursos hídricos, assim como promover o uso responsável, eficiente e saudável da água nas Canárias e em Cabo Verde (Lanzarote Pérez, 2012, p. ii).

O livro e os materiais auxiliares foram criados dentro do Projecto ISLHÁGUA, parte do Programa de Cooperação Transnacional Madeira – Açores – Canárias no período 2007-2013. Embora o programa tivesse recorrido ao Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) como base financeira, foi desenvolvido a partir das experiências das regiões autónomas insulares europeias, ou seja, na ordem transinsular.

Na descrição do programa foi assinalada a cooperação das três regiões ultraperiféricas no meio do Oceano Atlântico com a indicação especial das Ilhas Canárias que estão mais próximas da África do que da Europa. Tendo em conta este pormenor, a cooperação entre as regiões parceiras europeias foi alargada a tal chamados “países terceiros das regiões geográficas vizinhas e com outras regiões periféricas comunitárias” (Comissão Europeia, 2007). Daí que tenha surgido o interesse de puxar a fronteira de cooperação (através do Fundo de Desenvolvimento Europeu – FDE) até à República de Cabo Verde (CV) com o objectivo de “ampliar o espaço natural de influência cultural e socio-económica dos três arquipélagos e desenvolver as possibilidades de intercâmbio com as zonas geográficas adjacentes” (Comissão Europeia, 2007).

O Projecto ISLHÁGUA (Reforço das capacidades e competências relativas à gestão dos recursos hídricos em ilhas) teve como objectivos específicos

promover a sensibilização em relação ao uso da água potável, reforçar as capacidades de controlo de qualidade dos recursos hídricos, promover o tratamento e reutilização das águas purificadas e a dessalinização de água mais eficiente, bem como o uso das energias renováveis, tudo num ambiente de cooperação transnacional entre Canárias e Cabo Verde (Lanzarote Pérez, 2012, p. ii).

São os supramencionados elementos que iremos problematizar sob a perspectiva da educação ambiental através da BD *Aguinha!! De Cabo Verde às Canárias... e vice-versa*.

AGUINHA!!... COMO MATERIAL EDUCATIVO

Aguinha!!... é uma banda desenhada com objectivos didáticos especificados logo no início. São os seguintes:

- Dar a conhecer as realidades da água nos arquipélagos das Canárias e de Cabo Verde, mostrando casos de ilhas com um clima árido face a ilhas com climas mais húmidos;

- Expor os antecedentes históricos da água nas ilhas, apresentando conceitos sobre os recursos naturais, águas subterrâneas, águas superficiais, etc.;
- Expor a situação actual: problemas de sobre-exploração de aquíferos, custo energético da água nas ilhas, maior dependência de dessalinizadoras, qualidade da água, acesso aos recursos hídricos, poluição da água, etc.;
- Promover as boas práticas e usos da água, mostrando as acções individuais que podem contribuir para a poupança dos recursos hídricos nas ilhas;
- Transmitir a importância da I+D+i no desenvolvimento de tecnologias que permitam um melhor acesso à água de qualidade nas ilhas (Lanzarote Pérez, 2012, p. iv).

O público alvo de *Aguinha!!...*, que se inscreve de uma forma explícita na educação ambiental, foi definido como os alunos a partir dos 10 anos, abrangendo tanto o ensino primário, como o secundário.

A BD em questão tem quatro personagens principais – irmãos cabo-verdianos João e Fátima, e irmãos canarinos Kira e Chago – e uma estrutura simplificada: os jovens visitam as suas ilhas de origem (Santiago e Gran Canária) e conhecem as realidades diferentes dos dois territórios insulares pertencentes à Macaronésia. A bifurcação da perspectiva insular garante a possibilidade de repetir algumas porções informativas no contexto comparativo, mas ao mesmo tempo chama a atenção à perspectiva universalizante de alguns fenómenos hídricos encontrados nos dois arquipélagos em questão.

O facto de Kira e Chago virem a CV de avião, faz-lhes logo notar o aspecto árido da ilha de Santiago (veem-na de cima) e reflectir sobre o nome do país que anuncia uma paisagem diferente. Esta observação simples serve logo para explicar que em CV não chove muito. Segundo dados recolhidos entre 1901-2021 a mais pequena precipitação anual foi de 21,23 mm e a maior de 617,73 mm (Trading Economics, 2022) com a média anual de 261 mm o que coloca CV entre países com o clima semidesértico (desértico é com o máximo de 250 mm anuais). A propósito desta observação (mas sem os dados específicos que acabo de referir) os protagonistas cabo-verdianos partilham mais dois factos: que a estação de chuvas em CV é entre junho e outubro, e que as ilhas do Sal e Boavista são as mais secas em todo o arquipélago.

A propósito do almoço que os meninos preparam junto com os pais do João e da Fátima, conhecemos ainda mais factos: que em CV a água da torneira tem de ser fervida e tratada com lixívia antes de consumida (enquanto sabemos que em vários países a água da torneira é pronta para beber); que há cortes de água (mais adiante os meninos por causa de um corte de água têm de ir à fonte buscá-la) e que daí surja a necessidade de a armazenar; e que nem todos têm água em casa.

No segundo dia da visita dos canarinos em CV, a propósito da ida à praia, os meninos passam por uma dessalinizadora em construção. Os estudiosos do tema chamam a atenção ao facto de que

sabendo que mais de metade da população mundial vive junto à linha de costa (Bleninger, 2012), a dessalinização da água do mar apresenta-se como uma opção atraente face às previsões de escassez e procura de água global, embora condicionada pelo custo de produção. A dessalinização é um processo de produção de água, apropriada ao consumo humano, indústria e para a agricultura, e está relacionada com a remoção do sal existente na água do mar ou água salobra (Santos, Gomes & Sá Marques 2014, § 3).

Os meninos cabo-verdianos explicam que p.ex. a ilha São Vicente é abastecida apenas com a água dessalinizada. Eles não entram em pormenores do próprio processo (nem explicam que água dessalinizada pode servir tanto para o consumo privado, como para a indústria e agricultura), mas também assinalam o custo energético elevado que acompanha a dessalinização. No entanto, sabe-se que em Cabo Verde há pelo menos mais um problema relacionado com este tipo de tratamento e distribuição de água: “a dessalinização garante água fresca para cerca de 80% da população. [e] O país aposta no sistema de osmose inversa para produzir água doce” (Vieira Teixeira, 2017, legenda 1), mas as perdas “estão em cifras proibitivas” – “cerca de 55% de toda a produção é perdida durante este processo. As perdas são causadas por fugas de água em tubulações e reservatórios antigos para onde a água é enviada antes de chegar ao consumidor” (Vieira Teixeira, 2017, legenda 8). Porém, ainda não se conhece os efeitos da dessalinização em massa e a longo prazo. Em *Aguinha!!...* este problema nem é sugerido.

Como a escassez de água em CV é tão grande, e o custo da dessalinização elevado, desperdiçar água em CV está fora da questão. João e Fátima sublinham este facto com muita força. Vejamos que é um tema presente não apenas nos textos de carácter educativo como a BD em questão, mas também como um elemento dos mundos diegéticos literários baseados na realidade cabo-verdiana. João Nuno, protagonista do conto “As mulheres de João Nuno” do Prémio Camões (2018) cabo-verdiano Germano Almeida, enfrenta esta questão com a Velha-que-gastava-água-de-mais, mulher a dias

de cujos desmazelos tinha acabado por ficar farto ao fim de quinze dias de serviço, dado que, para além de faladeira e rabugenta, a Velha não se importava de gastar cinco litros de água apenas para lavar um prato. Você está em Cabo Verde, São Vicente, dizia-lhe, você não tem o direito de gastar tanta água para lavar um único prato numa terra que sabe que não tem água, onde a água é fabricada a peso de ouro. Ah, desculpava-se ela, o senhor terá que me perdoar, mas, sabe, vivi muitos anos em Angola, onde a água é abundante, onde a gente não sofre miséria de água, sei que estou mal habituada mas custa-me tanto poupar água! Habitue-se, respondia-lhe zangado, habitue-se a poupar água, senão é o seu emprego que fica em risco. Credo, esconjurava ela, Deus tal não permita, preciso deste trabalho como do ar que respiro, não seria agora por uma pinga d’água que iria perdê-lo! Mas diga-me, perguntava-lhe João Nuno, a senhora tem água corrente em casa? Qual água corrente qual carapuça, respondia ela, lamuriosa, tenho água transportada em latas a vinte escudos cada vinte litros (Almeida, 2018, posição 1289).

– e ainda quando uma das suas amantes exagera com água consumida quando toma duche:

As suas relações começaram a azedar-se porque, a par da imp pontualidade, houve entre eles desde o princípio o problema da água. Quando a Lina se metia debaixo do chuveiro esquecia-se de que estava neste mundo. Sorrindo beatificamente de cara voltada para o jato caindo-lhe sobre a testa, podia perfeitamente consumir três toneladas num único banho. Venho do Brasil, justificava-se, estou habituada a água em abundância. Mas estás em Cabo Verde, dizia-lhe João Nuno, furioso, estás em São Vicente onde a água é dessalinizada, não fazes ideia das canseiras que este povo tem para conseguir uma lata d’água em casa, tens que a poupar porque é um desrespeito para com todas as pessoas que me batem à porta pedindo um boião d’água, olha que ainda há bem poucos dias mandei embora uma empregada apenas porque ela tinha vindo de Angola e, como tu, tinha o vício de gastar água... (Almeida, 2018, posição 1443).

Quanto à Velha-que-gastava-água-de-mais, é incredivelmente bem pensado comparar CV e Angola. Segundo dados Angola tem uma grande bacia hidrográfica, mas mesmo assim a população tem de “cartar água com bidôns” pela falta da infraestrutura de abastecimento (veja a propósito o desenho satírico do cartunista angolano Sérgio Piçarra, Fig. 1). É ainda mais chamativo neste contexto que em Abril de 2022 “o ministro do Ambiente de Angola, Filipe Zau, reconheceu [...] a dessalinização de água do mar como uma boa prática em Cabo Verde que quer levar ao deserto de Moçâmedes para fixar populações no local” (Lusa, 2022, para. 1). A questão da escassez de água torna-se em algo palpável e material. Entende-se que a experiência de CV, bem como a necessidade de criar ambiente sustentável nas ilhas, podem servir como um exemplo para outros países.

Como alegam os protagonistas de *Aguinha!!...* a poupança de água é garantida em CV também na agricultura devido ao sistema de rega gota-a-gota que possibilita poupar até 60% de água. Este sistema é fácil de instalar e até acessível mundialmente junto com o tutorial nas ofertas de lojas de bricolagem (Leroy Merlin, 2022). Em CV é estratégico e pode ajudar a amenizar efeitos de secas prolongadas que ocorrem no país. Ainda em março de 2022 foi anunciada a situação grave na agricultura cabo-verdiana devido à seca de quatro anos (Andrade Ferreira, 2022).

Quando os meninos já estão nas Canárias, percebemos da história da sua avó que os fenómenos como a falta de água dantes eram comuns também nas Canárias, mas graças ao desenvolvimento, já foram em grande medida resolvidos. A avó diz que foram as dessalinizadoras que permitiram generalizar o abastecimento de água. Percebemos que CV ainda está no caminho que as Canárias já tinham percorrido. Não se diz abertamente de onde vem esta diferença no desenvolvimento entre os arquipélagos, mas subentendemos que se deve aos estatutos diferentes que as ilhas têm (uma ex-colónia-país independente vs uma comunidade autónoma espanhola-membro da UE).

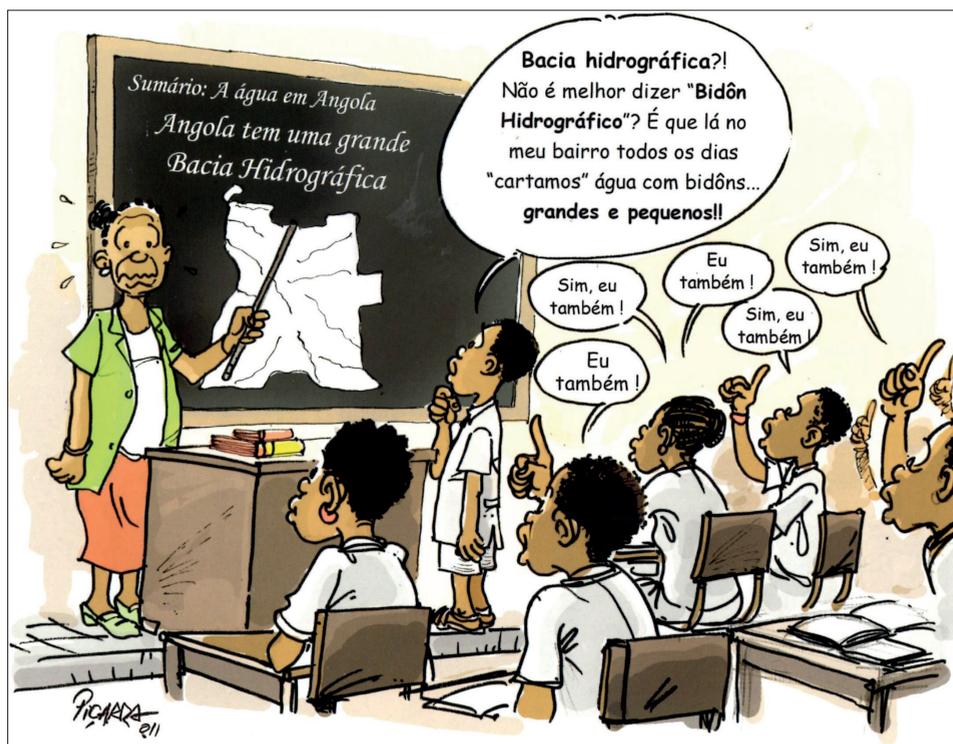


Figura 1. O desenho satírico do cartunista angolano Sérgio Piçarra sobre a bacia hidrográfica de Angola (usado com a autorização do próprio autor).

Também se sublinha que as ilhas do arquipélago espanhol são diferentes – “Eu estive em La Palma com a escola e é muito verde” (Lanzarote Pérez, 2012, p. 12), diz Kira, o que o pai dela explica: são os ventos alísios que transportam as nuvens que ficam presas nas ilhas montanhosas e trazem chuva. João logo compara este fenómeno com um fenómeno parecido na ilha caboverdiana de Santo Antão. Este fenómeno natural que traz chuvas funciona de uma forma semelhante que o método de condensação da humidade dos nevoeiros através da qual se capta água nos territórios secos. Agata Kasprolewicz no seu artigo diz sobre o método o seguinte:

As primeiras tentativas de captar a água dos nevoeiros tiveram lugar nos anos 1950 no Chile. Mas a verdade seja dita: antes de os chilenos terem aprendido este truque, já o tinham sabido outros habitantes dos desertos, nomeadamente os escarvelhos da Namíbia. Há séculos é que eles sobem os cumos das dunas, colocam-se contra o vento, estendem as patas e baixam as cabeças. O nevoeiro que passa pelo deserto acumula-se na carapaça deles e sob a forma das gotas desliza à boca do insecto. A natureza ajudou os habitantes dos terrenos secos e ofereceu-lhes o nevoeiro. Os primeiros a aprenderem a usá-la foram os animais, e agora são os humanos que aprendem com eles (Kasprolewicz, 2018, pp. 96-97).

Porém, é mais um método junto à dessalinização cujos efeitos ainda não conhecemos, se a técnica for usada em grande escala. Os fenómenos naturais estão interligados e se usados de uma forma leviana, podem desestabilizar os ecossistemas naturais. Quem sabe, talvez possam desestabilizar também o funcionamento natural dos ventos alísios.

Na viagem pela ilha os meninos chegam ainda a saber que a água fica armazenada nos tanques e nas barragens o que serve à agricultura canarina. Para assegurar água, purificam-se também águas residuais para reutilizá-las. Enquanto as poupanças de água, faz-se-o de várias formas (p.ex. através da instalação dos autoclismos que possibilitam puxar apenas a metade de água de uma vez).

O truque interessantíssimo de Bruno Lanzarote Pérez é incluir as unidades da educação ambiental na BD de tal forma que façam parte do dia-a-dia dos meninos-protagonistas. Para *Aguinha!!...* ser eficaz no processo didático, o conteúdo desta BD tem de ser compatível com o contexto local. Se os alunos/estudantes forem colocados num ambiente familiar, o papel da BD será o de explicar a importância de uma aquapolítica cuidadosa e de ensinar as práticas às quais eles devem recorrer. A ligação entre o processo de aprendizagem e os processos de transformação do mundo (a prática da aquapolítica sustentável torna-se em um meio transformativo), é a garantia do sucesso.

Outro truque é da natureza repetitiva e comparativa: nas Canárias os caboverdianos, sempre quando puderem, comparam as soluções canarinas com aquelas que conhecem de CV e assim repetem algumas informações que o aluno-leitor é capaz de memorizar melhor.

Será, por fim, que *Aguinha!!...* pode fazer parte da reviravolta ecológica no processo educativo? Será que a importância da convivência do homem com as ilhas manifesta-se neste livro de uma forma eficaz? Vejamos a parte seguinte para perceber o papel complementar de bandas desenhadas na educação ambiental.

AGUINHA!!...

COMO MATERIAL DIDÁTICO COMPLEMENTAR

A BD didáctica raramente é autosuficiente, isto é, para cumprir as suas funções tem de ser lida de uma forma complementada e assistida. Bartłomiej Janicki exemplifica que p.ex. a BD histórica deve ser lida com um professor qualificado que pode verificar e/ou corrigir algumas possíveis incongruências, bem como complementar a narrativa com os factos omitidos/não mencionados (Janicki, 2016, p. 155). Desta forma, ensina-se aos alunos e estudantes uma leitura cuidadosa visando despertar neles *critical thinking* que tem como passos sequenciais “memorizar”, “perceber”, “aplicar”, “analisar”, “avaliar” e “criar” (Anderson *et al.*, 2001). Os alunos e estudantes que conseguirem chegar ao último passo, de “criar”, sabem recorrer aos conhecimentos para tornar a teoria em prática. Obviamente não se exige dos leitores de *Aguinha!!...* que logo depois da leitura construam dessalinizadoras, mas que pelo

menos façam o que está dentro do alcance deles com consciência das consequências da aquapolítica sustentável.

No caso de *Aguinha!!...* é porém interessante ter em conta que os factos retratados devem ser para os leitores-alunos/estudantes canarinos e cabo-verdianos conhecidos do dia a dia deles. Sendo assim, *Aguinha!!...* serve para trabalhar a aquisição de conhecimentos através de explicações dentro de um âmbito familiar. *Aguinha!!...* trabalha assim de um modo análogo que p.ex. o método de alfabetização dos adultos de Paulo Freire. Freire baseou-o nas “palavras geradoras” vindas da realidade do cidadão, ou seja, palavras presentes na realidade dos alunos, que são decodificadas para a aquisição da palavra escrita e da compreensão do mundo (Couto, 1999). Em *Aguinha!!...* os alunos não aprendem alfabeto dentro de um ambiente conhecido, mas aprendem sobre os fenómenos ambientais ligados com a realidade em que funcionam no dia a dia.

Neste contexto o papel do professor será o de complementar a narrativa com o que nela falta. Vejamos que na própria BD em questão optou-se por simplificar as perspectivas: no caso dos dois arquipélagos não se menciona todas as ilhas e a sua respectiva situação quanto à dessalinização ou à rega gota-a-gota. Conforme o nível dos alunos, poder-se-ia detalhar esses conhecimentos. Uma aposta interessante seria p.ex. explicar de uma forma simplificada como funciona uma dessalinizadora. A maioria dos cabo-verdianos deve saber que usa a água dessalinizada, mas provavelmente apenas uma pequena parte deles é capaz de explicar o processo e perceber o seu custo (pecuniário e energético). Na parte descritiva deixei alguns exemplos de textos (na maioria jornalísticos) que problematizam os fenómenos apenas superficialmente tratados na BD, mas há imenso material que se pode usar.

O conto de Germano Almeida é destinado aos leitores entre 15 e 18 anos, então serviria para os alunos mais velhos. A questão de água aparece neste texto de uma forma humorística que pode ser atraente para dar início a uma discussão problematizada com exemplos do dia-a-dia cabo-verdiano e a uma comparação com o que se diz sobre o uso de água em *Aguinha!!...* Para os alunos mais jovens podia-se começar a discutir o significado do mural “Mar doce lar” (Fig. 2) que existe junto à praia no Tarrafal onde vivem João e Fátima.

Na verdade as possibilidades só se limitam com a imaginação do professor e dos alunos. No artigo “Traduzir para ensinar e mais além – o potencial da banda desenhada no ensino e na aprendizagem” (Jankowski, 2022), propus uma metáfora “educar é como desenhar uma constelação” que na lógica de Lakoff e Johnson (1980/2010) é uma metáfora conceptual (cria algum ponto de vista/conceito novo) não-convenicional (propõe a perceção revista do conceito em questão). Esta metáfora serve para conscientizar que no caso da BD didática não autónoma (conforme Janicki) é preciso acrescentar a ela algo que complete o desenho. Chamo a atenção ao facto de que nas constelações as estrelas unidas por linhas imaginárias permitem imaginar uma dada figura na esfera celeste e que por isso todas as estrelas de uma dada constelação são igualmente importantes. Bruno Lanzarote Pérez começou a desenhar a sua conste-

lação a partir de *Aguinha!!...*, mas o quadro decisivo do Programa de Cooperação Transnacional Madeira – Açores – Canárias no período 2007-2013 não necessariamente tem esta BD como o ponto de partida, mas como o material complementar na educação ambiental.



Figura 2. Mural *Mar doce lar* junto à praia no Tarrafal (fotografia do arquivo privado do autor do presente artigo; tirada em 2018).

Também o projecto ISHLÁGUA recorre à BD como apenas uma das peças de todo o kit educativo que foi oficialmente apresentado a 27 de setembro de 2017 (ISHLÁGUA, 2017). Ao lado da BD em questão encontramos também fichas didáticas que complementam os dados mencionados de uma forma sucinta pelos protagonistas. As fichas, bem como a BD e jogos (entre outros são puzzles, imagens para encontrar diferenças, etc.), podem também ser vistos on-line no site de ISHLÁGUA (<http://www.islhagua.itc-canarias.org>), e ainda acompanhados pelos desenhos animados exibidos na televisão caboverdiana. Entendemos então que no caso do projecto ISHLÁGUA existe uma constelação-base à qual os professores podem acrescentar mais elementos, o que é necessário se quisermos que os alunos mais velhos também façam uso de *Aguinha!!...* A constelação-base compreende material mais propício para a escola primária, enquanto o material

que indiquei problematizando os conteúdos de *Aguinha!!...* (artigos de imprensa, conto de Germano Almeida e outros) enquadrar-se-iam melhor na escola secundária.

A metáfora cognitivista conceptual não-convencional no caso de *Aguinha!!...* podia ser mais exacta: “ensinar sobre água é como desenhar a constelação de [uma das constelações que tem a ver com água]”. Esta metáfora não existe na nossa linguagem, mas pode dar-nos acesso para um novo entendimento de experiências, pode enriquecer em significados novos o que fazemos no dia a dia, bem como o que sabemos e no que acreditamos (Lakoff & Johnson, 1980/2010, p. 191). As implicações hierarquizadas (nem todas elas para uma dada metáfora têm de ser cumpridas no mesmo nível analítico e interpretativo; Lakoff & Johnson, 1980/2010, pp. 191-195) que segundo Lakoff e Johnson estruturam as metáforas, seriam para concretizar sempre conforme o material usado pelo professor, mas com um cuidado especial para abrir os alunos a novas formas de raciocinar.

Vejamos ainda que *Aguinha!!...* teve continuações sob a forma de mais duas bêdês, onde encontramos os mesmos protagonistas que por sua vez encontram jovens de outras ilhas da Macaronésia: *Água e as alterações climáticas. Uma voltinha pela Madeira e Porto Santo* (2017) e *Água e as alterações climáticas. Uma voltinha por Cabo Verde e Canárias* (2018). As duas escritas e desenhadas por mesmo autor, mas desta vez dentro do programa ADAPTaRES (<https://adaptares.com>), e as duas também podiam servir como elementos da constelação para *Aguinha!!...* No caso destas duas bêdês, optou-se por criar e disponibilizar os recursos didácticos complementares mais desenvolvidos (actividades em português e em espanhol) criando assim as duas constelações autónomas. Por exemplo, a “Atividade 1.1: Sensibilização para a participação ativa da sociedade na gestão eficiente dos recursos hídricos e promoção da resiliência perante situações de falta de água associadas às alterações climáticas” compreende:

Fichas didáticas sobre a Adaptação às Alterações Climáticas

Banda desenhada 1: *Água e as Alterações Climáticas. Uma voltinha pela Madeira e Porto Santo*

Banda desenhada 2: *Água e as Alterações Climáticas. Uma voltinha por Cabo Verde e Canárias*

Jogos didáticos sobre Alterações Climáticas e Água Jogar Descarregar

Série de Animação “Escola da Água”. ADAPTaRES Capítulo – Mudanças Climáticas e Água

Série de Animação “Escola da Água”. ADAPTaRES Capítulo – Água e Adaptação às Mudanças Climáticas

Série de Animação “Escola da Água”. ADAPTaRES Capítulo – Uso de saneamento e reutilização de água tratada

Campanha de conscientização

Pequenas peças audiovisuais de conscientização 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 (Adaptares, 2020)

Esta lista pode funcionar como mais uma ideia de como organizar os conteúdos complementares ao *Aguinha!!...*, mas mostra sobretudo que as bandas desenhadas

didácticas, produzidas neste programa, não devem ser tratadas como autónomas. BD como um texto de qualidade podia ter entrado na educação com o rótulo da “escola paralela” (Friedmann *apud* Martinó de Azevedo Coutinho, 1978, p. 43), mas hoje em dia tanto complementa um dado tema, como tem de ser complementada.

AGUINHA!!...

COMO UMA MANIFESTAÇÃO DA TRANSINSULARIDADE

Na reportagem “Ser africano em Cabo Verde é um tabu” de Joana Gorjão Henriques (série: *Racismo em português. O lado esquecido do colonialismo*) diz-se que “tem havido ao longo dos anos várias definições de Cabo Verde como um país que não está nem em África nem na Europa” (Gorjão Henriques, 2016, p. 107). António Leão Correia e Silva (historiador), entrevistado por Gorjão Henriques, alega que “às vezes, olhando de África continental, eles acham que Cabo Verde é demasiadamente euro-atlântico para ser África; olhando de uma Europa, é demasiadamente negro-africano para ser Europa. Talvez seja todas as coisas, talvez haja várias componentes, mas é uma África de fronteira” (Gorjão Henriques, 2016, p. 111). André Corsino Tolentino (ex-diplomata e ex-combatente do PAIGC), por sua vez, “discorda da ideia de que o arquipélago está entre a Europa e a África – «se formos ver a geografia e a evolução sociológica, vamos ver que fica sim entre África e a América do Sul, e humanamente tem Portugal na sua composição; isso é que criou este caso singular»” (Gorjão Henriques, 2016, p. 116).

As vozes citadas apontam de uma forma evidente que Cabo Verde procura o seu lugar em várias configurações geográficas e daí também políticas. Há quem diga que nesta procura se manifesta uma crise identitária que se deve sobretudo ao passado colonial e ao papel muito especial conferido a CV no Ultramar Português. Reza a lenda que “quando alguém perguntou [a Salazar] porque é que Cabo Verde não tinha o estatuto do indigenato [...] [ele] respondeu: “Eles são nossos filhos, pretos especiais” (Gorjão Henriques, 2016, p. 130). Ter-se-á semeado desta forma uma dúvida identitária duródoura?

Dentro do projecto no qual surgiu *Aguinha!!...* a ordem de raciocínio é transinsular, sobretudo na vertente geográfica: os dois arquipélagos pertencem à Macaronésia (junto com as regiões autónomas da Madeira e dos Açores). Mas é o passado colonial que continua a definir as colaborações desenvolvidas por Cabo Verde (no sentido de o país precisar de apoios externos devido ao subdesenvolvimento que pesa desde o período da colónia). Curiosamente, a transinsularidade de *Aguinha!!...* dialoga de uma forma interessante com este fardo colonial. O “border thinking”, no entender de Mignolo e Tlostanova, conceito que se sente analisando a lógica desta BD, faz com que se oculte nela alguns factos com o objectivo de promover um discurso transfron-

teirço, mas sem verbalizar a participação das nações colonizadoras nos projectos de apoio/desenvolvimento.

Primeiro, *Aguinha!!...* não respeita as fronteiras geográficas, políticas e subjectivas, escolhendo antes o mar como o espaço que liga as experiências dos dois arquipélagos e não as separa. Embora o próprio Programa de Cooperação Transnacional Madeira – Açores – Canárias no período 2007-2013 defina Cabo Verde como “país terceiro” ou “região adjacente” (sic!), na realização da própria BD não se sente esta hierarquização. O mar cobre todas as possíveis linhas fronteiriças, embora os protagonistas escolham deslocar-se por ar, não por mar. A forma como eles se deslocam entre as Canárias e Cabo Verde não proporciona nenhuns problemas¹. *Aguinha!!...* ignora as divisões políticas e geográficas (legado do colonialismo) na estruturação do trama (nota: todos os logótipos “europeus” aparecem na ficha técnica do livro que provavelmente não interessará aos alunos-leitores; não ostentam nos desenhos da BD).

Segundo, *Aguinha!!...* nunca explica de onde vem p.ex. a infraestrutura dessalinizadora em CV que em alguns casos deve-se aos programas externos de financiamento ou empréstimos: “A dessalinizadora no Maio foi financiada pelo Luxemburgo, no âmbito do o Programa de Apoio ao Sector de Água e Saneamento (PASEA), que faz parte do IV Programa Indicativo de Cooperação 2016-2020 (PIC IV) entre os dois países, no valor de 13,6 milhões de euros” (Expresso das Ilhas, 2022, § 8); a central de dessalinização do Palmarejo com o empréstimo sem juros do Unicredit Bank Austria AG (Ribeiro, 2020); “Os Governos de Cabo Verde e do Japão assinam no dia 20 de Dezembro, às 17h, no Palácio das Comunidades, um acordo de empréstimo para o financiamento do “Projecto de dessalinização e distribuição de água potável na ilha de Santiago” no valor de ¥15.292.000.000 (quinze biliões, duzentos e noventa e dois milhões de ienes)” (Governo de Cabo Verde 2013, § 1). A BD em questão não quer mostrar a dependência das velhas colónias nem das velhas metrópoles, nem do velho mundo em geral (fardo da dominação financeira e do *know-how*).

Terceiro, *Aguinha!!...* mostra que a periferia pode conscientizar quão importante é investir na política hídrica sustentável. O mundo das ex-metrópoles, devido às alterações climáticas, enfrenta problemas graves da escassez de água, algo que é o cotidiano para os cabo-verdianos desde há anos. Entra aqui em jogo a visão da modernização e globalização –

One of the common views about modernity and globalization (e.g. a later stage of modernity) is to conceive of the former in contradistinction with alternative modernities and the latter in contradistinction with the local. Local histories / alternative modernities are dependent and surrogate components of the triumphal march of global history/modernity. The assumed reality in both cases is that globalization ‘moves’ to the periphery and it is in

¹ Para perceber os problemas de trânsito aéreo para CV mais ou menos na altura quando saiu *Aguinha!!...*, vale a pena ler a entrevista com José Luís Cuevas, gerente hoteleiro (Nós Genti, 2013).

the peripheries where alternative modernities take place as well (Mignolo & Tlostanova, 2006, p. 217).

– e no caso de *Aguinha!!...* parece que a modernização de alguns aspectos nas periferias (p.ex. o desenvolvido sistema de dessalinização) pode no futuro conquistar o centro (que ainda não sabe (?) que precisa do know-how por enquanto apenas exportado para as periferias).

Chamaria ainda atenção especial ao facto de que a troca de experiências no caso em questão faz-se na ordem insular, entre um país geograficamente africano e uma região autónoma europeia, mas o quadro funciona como os dois fossem países independentes. Nem uma vez é que se menciona que as Canárias fazem parte da Espanha, membro da UE. O elemento que une os dois espaços é o mar. Tanto no sentido geográfico, como no sentido de os dois arquipélagos enfrentarem desafios semelhantes como territórios insulares no Atlântico. *Aguinha!!...* pode ter beneficiado dos fundos europeus, mas no mundo diegético nunca se menciona este facto. O raciocínio de “border thinking” é levado neste caso ao extremo e até “cheira” à manipulação. Mas esta última leitura de certeza é que não deve abranger a lógica da constelação que se deve visualizar frente os olhos da público-alvo de *Aguinha!!...*

CONCLUSÃO

O acesso à água e a outros recursos importantes tornou-se abundante e durou muito tempo. Mas este tempo acabou, e todos o sabemos.

(Carlos Lopes)

A transinsularidade de *Aguinha!! De Cabo Verde às Canárias... e vice-versa*, é implicada pela geografia. A localização dos dois arquipélagos em questão faz com que ocorram neles fenómenos ambientais parecidos. O projecto ISLHÁGUA, dentro do qual surgiu *Aguinha!!...*, apostou em realizar pressupostos da educação ambiental com o foco nas questões hidrológicas de Cabo Verde e das Canárias.

A análise da trama da BD revelou que *Aguinha!!...* é um livro que necessita informações complementares para se tornar num material didático legítimo, integral e útil. Daí a ideia de criar constelações deste tipo dos materiais ou de desenvolver/enriquecer o material concebido no âmbito do projecto ISLHÁGUA para acompanhar a própria BD.

A análise do modo como os conteúdos são apresentados em *Aguinha!!...* reforçou a ideia da verdadeira transinsularidade cuja apresentação esconde a participação europeia no projecto e nem faz caso de que nacionalidade é o autor da BD. O modus operandi de *Aguinha!!...* aproxima-se do conceito *border thinking* a ponto de mani-

pular os dados extradiegéticos e de apostar no discurso que nasce nos espaços sobre os quais se fala, mas sem apontar que as Canárias, como a comunidade autónoma espanhola, fazem parte da Europa. Os conhecimentos parecem nascer nas ilhas, não chegar a elas. Mas se um mundo diferente é impossível sem *border thinking*, é também impossível sem novas políticas ambientais que podem dele surgir.

Vale a pena ainda sublinhar que a abertura transinsular do projecto ISLHÁGUA em geral, e de *Aguinha!!...* em particular, fica reforçada pela disponibilidade dos materiais educativos em duas línguas principais, espanhol e português. Porém, é pena que não existam versões do livro p.ex. em crioulo caboverdiano.

As lições para aprender da situação ambiental das ilhas em questão podem igualmente servir a todo o planeta que cada vez mais sofre com as alterações climáticas. Talvez todos nós não devamos ignorar o que diz João Nuno à sua mulher a dias – “Habitue-se, respondia-lhe zangado, habitue-se a poupar água, senão é o seu emprego que fica em risco.” – porque na verdade não é apenas o nosso emprego que fica em risco.

BIBLIOGRAFIA

- Almeida, G. (2018). As mulheres de João Nuno. *Estórias de dentro de casa*. Alfragide: Editorial Caminho [versão kindle].
- Anderson, L. W. et al. (2001). *A Taxonomy for Learning, Teaching, and Assessing*. New York et al.: Longman.
- Andrade Ferreira, N. (2022). Seca deixa comunidades rurais em “muitas dificuldades. *Expresso das Ilhas*. <https://expressodasilhas.cv/pais/2022/03/05/seca-deixa-comunidades-rurais-em-muitas-dificuldades/78989> [acesso: 05.03.2022].
- Comissão Europeia (2007). *Cooperação territorial transnacional “Madeira – Açores – Canárias”*. https://ec.europa.eu/regional_policy/pt/atlas/programmes/2007-2013/crossborder/operational-programme-madeira-aco-res-canarias [site temporariamente inativo, verificado em 11.07.2023].
- Couto, S. (1999). *Método Paulo Freire: princípios e práticas de uma concepção popular de educação*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. <http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/handle/7891/141> [acesso: 01.07.2022].
- Expresso das Ilhas, Lusa (2022). Dessalinizadora com renováveis mais do que duplica capacidade de água no Maio. *Expresso das Ilhas*. <https://expressodasilhas.cv/pais/2022/02/28/dessalinizadora-com-renovaveis-mais-do-que-duplica-capacidade-de-agua-no-maio/78922> [acesso: 28.02.2022].
- Gorjão Henriques, J. (2016). *Racismo em português. O lado esquecido do colonialismo*. Lisboa: Tinta-da-China.
- Governo de Cabo Verde (2013). *Cabo Verde e Japão assinam acordo de empréstimo*. <https://www.governo.cv/cabo-verde-e-japao-assinam-acordo-de-emprestimo/> [acesso: 28.02.2022].
- ISHLÁGUA (2017). *Transferencia de material pedagógico ISLHáGUA a sistema educativo caboverdiano*. http://www.islhagua.itccanarias.org/web/guest/home/-/asset_publisher/8uMx/content/transferencia-de-material-pedagogico-islhagua-a-sistema-educativo-caboverdiano?redirect=%2Fweb%2Fguest [acesso: 28.02.2022].
- Janicki, B. (2016). *Dydaktyczny potencjał komiksu historycznego*. Opole-Poznań: Zin Zin Press.
- Jankowski, J. (2022). Traduzir para ensinar e mais além – o potencial da banda desenhada no ensino e na aprendizagem. *Studia Iberystyczne*, 21, 249-266.
- Kasprolewicz, A. (2018). Łowcy mgły. *Przekrój*, jesień, 4/18, 96-97.
- Lakoff, G. & Johnson, M. (1980/2010). *Metafory w naszym życiu*. Trad. T.P. Krzeszowski. Warszawa: Altheia.
- Lanzarote Pérez, B. (guião, ilustração e cor) (2012). *Aguinha!! De Cabo Verde às Canárias... e vice-versa*. Trad. para português C.C. Ruano. Santa Cruz de Tenerife: Instituto Tecnológico de Canarias, S.A. http://www.islhagua.itccanarias.org/flipbooks/comic_pt/files/downloads/Comic_Aguinha_De_Cabo_Verde_as_Canarias_e_vice-versa.pdf [acesso: 28.02.2022].
- Lanzarote Pérez, B. (guião, ilustração e cor) (2017). *Água e as alterações climáticas. Uma voltinha pela Madeira e Porto Santo*. Santa Cruz de Tenerife: Instituto Tecnológico de Canarias, S.A. <https://adaptares.com/wp-content/uploads/2022/01/AF-C%C3%B3mic-ADAPTRES-PT-baja-1.pdf> [acesso: 28.02.2022].
- Lanzarote Pérez, B. (guião, ilustração e cor) (2018). *Água e as alterações climáticas. Uma voltinha por Cabo Verde e Canárias*. Santa Cruz de Tenerife: Instituto Tecnológico de Canarias, S.A. <https://adaptares.com/wp-content/uploads/2021/11/AF-C%C3%B3mic2-ADAPTRES-PT-baja.pdf> [acesso: 28.02.2022].
- Leroy Merlin (2022). *Como instalar um sistema de rega gota a gota* [vídeo]. <https://www.leroymerlin.pt/pt/ideias-e-projetos/faca-voce-mesmo/jardim/instalar-sistema-de-rega-gota-a-gota> [acesso: 28.02.2022].
- Lopes, C. (2020). *África em transformação. Desenvolvimento económico na era da dívida*. Lisboa: Tinta-da-China.

- Lusa (2022). *Angola quer levar dessalinização de água de Cabo Verde ao deserto de Moçâmedes*. <https://visao.sapo.pt/atualidade/mundo/2022-04-28-angola-quer-levar-dessalinizacao-de-agua-de-cabo-verde-ao-deserto-de-mocamedes/> [acesso: 28.04.2022].
- Martinó de Azevedo Coutinho, A.M. (1978). *Banda desenhada e ensino básico*. Lisboa: Livraria Novidades Pedagógicas.
- Mignolo, W.D. & Tlostanova, M.V. (2006). Theorizing from the Borders Shifting to Geo- and Body-Politics of Knowledge. *European Journal of Social Theory*, 9 (2), 205-221. <https://doi.org/10.1177/1368431006063333> [acesso: 28.04.2022].
- Nós Genti. (2013). José Luís Cuevas – Cabo Verde como porta para outros mercados (entrevista). <https://nosgenti.com/jose-luis-cuevas-cabo-verde-como-porta-para-outros-mercados/> [acesso: 30.05.2013].
- Ribeiro, S. (2020). Governo assina acordo de financiamento com a Áustria para reforço da capacidade de dessalinização de água. *Expresso das Ilhas*, 11.02.. <https://expressodasilhas.cv/politica/2020/02/11/governo-assina-acordo-de-financiamento-com-a-austria-para-reforco-da-capacidade-de-dessalinizacao-de-agua/67930> [acesso: 11.02.2020].
- Santos, A., Gomes, R. & Sá Marques, A. (2014). *Evolução dos processos de dessalinização da água do mar para consumo humano na ilha do Sal, Cabo Verde*. https://www.researchgate.net/publication/260782469_Evolucao_dos_processos_de_dessalinizacao_da_agua_do_mar_para_consumo_humano_na_ilha_do_Sal_Cabo_Verde [acesso: 11.02.2020].
- Trading Economics (2022). *Cabo Verde – Precipitación*. <https://es.tradingeconomics.com/cape-verde/precipitation> [acesso: 11.02.2020].
- Vieira Teixeira, C. (2017). *Dessalinização de água com tecnologia europeia em Cabo Verde* [fotoreportagem com legendas]. <https://www.dw.com/pt-002/dessaliniza%C3%A7%C3%A3o-de-%C3%A1gua-com-tecnologia-europeia-em-cabo-verde/g-39467716> [acesso: 11.02.2020].